

CENTRO DE CULTURA CATÓLICA DO PORTO

HILDEGARDA DE BINGEN

7 DE MAIO DE 2013

QUEM FOI HILDEGARDA DE BINGEN

Hildegarda de Bingen viveu há 900 anos, ou seja, em pleno século XII (1098-1179): o século das Catedrais; das guerras defensivas face ao avanço islâmico a que vulgarmente se denomina de “Cruzadas”; de São Bernardo e a reforma cisterciense da Ordem Beneditina; e, enfim, da fundação de Portugal. Tratou-se de um período em que – de modo análogo ao que se passa nos nossos dias – a fé cristã, no meio de um certo esplendor já tendente para a equivocidade, passava, no Ocidente europeu, por um profundo abalo.

Foi neste contexto que Hildegarda, tendo entrado para a vida religiosa quando tinha cerca de 7 anos de idade – para viver com, e ser educada por, Jutta de Spanheim –, foi monja beneditina. Tendo chegado a abadessa, acabou por fundar 2 mosteiros e manifestar-se uma incansável pregadora itinerante ao longo de toda a Renânia, no Oeste da actual Alemanha. Foi ainda, e numa época em que o contexto social e eclesial convidaria pouco a isso, alguém que entrou, fruto do reconhecimento dos seus dons, em diálogo – umas vezes mais pacífico, outras vezes mais combativo – com outras monjas, sacerdotes, bispos, papas, reis e imperadores. Diálogo no âmbito moral e espiritual, mas também económico e político.

Desde logo, e já por isto, é um erro flagrante dizer que ela foi uma “grande mulher”. Com essa afirmação estamos a excluir metade do género humano e, voluntariamente ou não, a limitar o seu verdadeiro valor. Ou seja: o correcto é dizer-se que Hildegarda de Bingen foi um “grande, um grandíssimo, ser humano”. Um ser humano renascentista, bem antes do renascimento do século XIV, e enciclopedista, muito mais antes do enciclopedismo do século XVIII: estimuladora do exercício da dança, do teatro, da pintura e do canto; compositora musical – num registo totalmente distinto do gregoriano, que era vigente –; arquitecta (foi ela quem desenhou os 2 mosteiros que fundou); gestora; botânica; zoóloga; farmacologista; médica; conselheira espiritual; escritora; e, sobretudo, “profeta” ou, talvez melhor, a grande “consciência inspirada” do século XII.

Como se sabe, e apesar do processo de canonização ter começado em 1233, Hildegarda somente foi declarada “santa” – não por uma canonização “comum”, mas por uma canonização “equivalente” decorrente da extensão do seu culto litúrgico a toda a Igreja Católica – em Maio de 2012.

MÍSTICA E VISIONÁRIA

Há quem, nomeadamente Sua Santidade Bento XVI na sua “Carta Apostólica” que proclamou Hildegarda “Doutora da Igreja”, denomine a esta de “mística”. É inegável que ela o foi. Isto é, é inegável que Hildegarda de Bingen viveu uma profunda relação, intuitiva e amorosa, com o Deus que não é nada mais do que Amor. Mas o específico nela não é o ter sido uma “mística”, mas, isso sim, uma visionária. Ou seja, alguém que disse ter experimentado, desde a sua mais tenra idade, comunicações singulares de Deus sob a forma de “visões”. Em concreto: contemplava – visualmente – imagens simbólicas e, simultaneamente, entendia – auditivamente – a sua interpretação, que afirmava ser inspirada.

Nos dias de hoje, em que vivemos uma epidemia da redução de tudo – inclusive o espiritual – ao psicológico, há quem diga, com maior ou menor ingenuidade e (ou) malevolência, que na raiz destas “visões” estariam problemas psicológicos. Contudo, a verdade é que, perante o leque mais amplo dos factos, tal interpretação destes mesmos factos não só não explica tudo, como também não explica nada de essencial.

PROBLEMAS

Ao referir-se às suas “visões” – que, depurando com cuidado a sua subjectividade, Hildegarda objectiva e despersonaliza nos seus relatos –, Hildegarda de Bingen coloca, imediatamente e a quem se dedica ao seu estudo, dois problemas. O primeiro, é tentar saber se o que ela narra nas suas obras é uma mera descrição que ela experimentou, ou, pelo contrário, uma reflexão teológica sobre tais experiências. Ou seja: são os seus relatos algo como a descrição de um filme visto e ouvido, ou uma interpretação posterior desse filme? O segundo – e talvez o mais delicado –, é tentar saber se Hildegarda de Bingen teve, de facto, essas “visões”, ou se, pelo contrário, ela usa o género literário – frequente na Bíblia – das “visões”, de modo a reivindicar uma legitimidade para fazer teologia que, de outro modo e ao tempo em que viveu, lhe estaria vedado pelo facto de ser uma mulher?

Não há respostas seguras a nenhuma destas questões, e a minha opinião não está totalmente formada, mas isso não será um impedimento para aquilo que desejo referir. A saber: os aspectos mais importantes da sua mensagem teológico-espiritual.

ASPECTOS CENTRAIS DA MENSAGEM TEOLÓGICO-ESPIRITUAL

O mais importante da mensagem teológico-espiritual de Hildegarda está presente e patente na sua grande trilogia de obras que abarca toda a história cronológica e Sagrada do Universo. A saber:

“*Scivias*”: diminutivo de “*Scito vias Domini*”, isto é, “*Conheço os caminhos do Senhor*”) – catecismo que relata a história da salvação –;

“*Liber vitae meritorum*”: “*Livro das Recompensas da Vida*” – radiografia psicológica e espiritual do processo de transformação da nossa identidade à imagem de Cristo (uma espécie, pois, de livro de “*Teologia Espiritual*”) –;

“*Liber divinorum operum*”: “*Livro das Recompensas da Vida*” – tratado de antropologia teológica cósmica –.

No centro da mensagem contida nestas três obras de Hildegarda de Bingen, encontra-se a obra da Criação e da Salvação, que permite que o homem – em Cristo, seu sujeito principal – participe misteriosamente não só da existência do Universo, mas da própria vida de Deus. De facto, tendo a Razão interior de todo o Cosmos – o “*Logos*” que assumirá a natureza humana em Jesus Cristo, que é, simultaneamente, a Luz iluminadora de toda a simplicidade chamada a se tornar complexidade – sido feita Homem, isso permite ao ser humano – que já é uma parte integrante de tal Cosmos que, desde as suas origens, clama por poder dar amor Àquele que o ama – desenvolver o conhecimento – a si inato – da lógica interna da sua presença nesse mesmo Cosmos e, ao mesmo tempo, da acção divina no mesmo.

Para traduzir esta realidade, Hildegarda aduz que o Universo é como uma série de esferas concêntricas que, rodando umas sobre as outras, têm no homem criado à imagem do Homem por excelência – Jesus Cristo – o seu centro. Devido a isto, para Hildegarda de Bingen, e num tema que retomarei mais à frente com outro detalhe, cada órgão humano encontra um paralelismo – não meramente metafórico – num aspecto do Cosmos. De um Cosmos que, por isso – e numa afirmação que aponta para as repercussões cósmicas da (ir)responsabilidade humana –, ficou ferido (cf. “*Causae et curae*”) em consequência da ferida que o ser humano, pelo pecado de desamor egoísta e desequilibrante, infligiu a si mesmo.

Mas demos atenção a umas palavras de Hildegarda que apontam para a magnificência do valor do ser humano como «*obra plena de Deus*» (“*Liber divinorum operum*”, 4, 100):

«*Ó Deus, que fizestes com amor todas as coisas, Vós coroastes o homem, que reflecte a Tua vida eterna, com a coroa dourada e púrpura da inteligência; e o revestistes com a roupagem sublime da beleza visível; e assim O colocastes, como um príncipe, acima de Vossas obras perfeitas, que, inseparáveis e reflectidas nele, dispusestes com justiça e bondade entre as Vossas criaturas*» (“*Scivias*”, 1, 3, 17).

Para Hildegarda de Bingen, Jesus Cristo – brotando de um Israel que foi a nação que mais expressou aquele desejo cósmico de amor ao Criador – é, ainda, o centro da história. Deste modo, a própria Igreja – corpo místico (isto é, real e sacramental) de Cristo chamado, com a assistência do Espírito Santo e devido aos pecados dos seus membros humanos, a uma contínua conversão de coração – é o esteio canalizador privilegiado da energia espiritual divina que permeia e penetra toda a realidade (e por ela é permeado e penetrado).

Deus, em Jesus Cristo, é, assim, o médico do espírito humano e, desse modo, à medida que o ser humano aceita ser curado – e empenhar-se activamente nessa cura, que Hildegarda desejava que fosse, como é apanágio nos dias de hoje, holística (cf. “*Liber vitae meritorum*”, 1, 7s) –, o próprio Cosmos é regenerado a partir

da explosão de amor incondicional que decorre da árvore da Cruz. Daquela Cruz onde – numa reflexão teológica toda ela assente na consideração do aspecto esponsal do amor – se consumam os esponsais ou noivado entre Deus e a humanidade representada naquela Igreja. Esponsais espirituais em que Deus dá, à humanidade, os sacramentos como dote.

Daqui decorre toda uma perspectiva ética decorrente da constatação de que se Jesus Cristo é o homem-Deus, que sustém e rege o Universo, cada baptizado está chamado a ser, de um modo vital e experiencial – e não apenas meramente intelectual –, plenamente participante no ser de Deus mediante o fazer-se humano à imagem de Jesus Cristo. Isto é, mediante o dizer “sim” ou “não” ao que Jesus manifestou serem, respectivamente, as virtudes e os vícios espirituais. No fundo, tal deve ocorrer mediante o discernimento, pelo ser humano, das forças antagónicas que o assolam, de modo a escolher, em cada decisão, o que mais aproxima de Deus. De facto, não se trata apenas de distinguir o que aproxima e afasta de Deus, mas, sobretudo e mais subtilmente, distinguir o que mais aproxima de Deus do que menos o aproxima deste.

Tal discernimento, para Hildegarda de Bingen, é um «*saber alegre*» (“*Liber divinorum operum*”, 5, 23) que surge de intermediário entre a vida contemplativa – que permite, pela inteligência, assumir os valores de Jesus – e a vida activa – que, pela vontade, leva tais valores à prática –. É justamente isto que permite à Igreja – que agrupa todos os baptizados e sempre deve, segundo Hildegarda, observar-se e renovar-se com aquilo que mais a faz ser transparência de Jesus – reintegrar o Cosmos na glória amorosa de Deus.

Avançando um pouco mais, pode-se referir que, para Hildegarda de Bingen e como base de uma sua linha de reflexão, Deus é – como afirma *Ex.* 3,14 – «*aquele que é*», numa vida total imutável, eterna e una (cf. “*Liber divinorum operum*”, 4, 105). Mas una de um modo que é igualmente Trindade de Pessoas que, segundo ela e por um triplo processo de metonímia, podem e devem ser entendidas e denominadas como “Amor”, “Misericórdia” e “Bondade”. Pois bem, sendo Deus Amor, a Criação existia desde sempre, pelo menos no desejo amoroso de Deus. Em consequência desta percepção, a Encarnação e Redenção – para Hildegarda e na linha dos padres Orientais e dos futuros teólogos franciscanos (nomeadamente Duns Escoto) –, foram desejadas desde toda a eternidade (cf. “*Liber divinorum operum*”, 4, 105). E isso como uma forma de consumação de uma união de amor que enriquecesse copiosamente tudo o que seria criado aquando da suscitação concreta e temporal do Cosmos e, sobretudo, do ser humano.

Tal ser humano é criado à imagem de Deus triuno nas suas três dimensões constitutivas. Quer dizer: sendo corpo, alma e espírito. Estas dimensões, para Hildegarda de Bingen, devem ser norteadas pelas respectivas três denominações das Pessoas divinas. Em concreto: o *corpo* pelo amor; a *alma* pela misericórdia; e, enfim, o *espírito* pela bondade. Daqui decorre que o homem seja simultaneamente *micro-Cosmos* – por aquela correspondência entre os órgãos corporais humanos e o Universo – e *micro-Deus* – por esta correspondência entre as três Pessoas da Trindade e as três dimensões do ser humano –. Por outras palavras: o que ocorre num ser humano chamado pelo Criador a ser, como diz Hildegarda, o amoroso intendente divino – «*operaius dininitatis*» (“*Vita*”, 2, 35, 115) – na Criação, é – como já

vimos – não só inseparável do que acontece no Universo, mas igualmente em Deus e, de algum modo, vice-versa: o que ocorre em Deus e no Cosmos repercute-se no ser humano. Por exemplo: a caixa-torácica representa, para Hildegarda de Bingen, todo o espaço aéreo entre o planeta Terra e a esfera das nuvens que, pelos ventos, o faz girar; é, ainda, a sede da alma, que como o ar, une o espírito ao corpo (cf. *“Liber divinorum operum”*, 4, 57).

Como se vê, a dimensão corporal do ser humano – que não deve ser ignorada, nem desprezada, nem sequer desvalorizada – está chamada, segundo Hildegarda, a orientar-se – por entre a sua fragilidade e a sua magnificência – pelo amor e para o amor. E isto com tudo o que a corporeidade implica: nomeadamente uma relação sexual – sempre abençoada por Deus – entre os esposos, que espelham a relação sponsal entre o Criador/Fecundador e a humanidade/fecundada. Neste justo horizonte, Hildegarda de Bingen é profundamente ousada, pois chega a associar os componentes da relação sexual entre o esposo e a esposa, com a própria obra das três Pessoas da Trindade (cf. *“Scivias”*, 2, 3, 22). Desta forma temos: a “potência” (*“fortitudo”*) é associada à acção criadora do Pai que, com a sua força, cria tudo a partir do “nada”; o “desejo” (*“concupiscentia”*) é associado à acção salvadora do Filho que, com o seu desejo de realizar a vontade do Pai, aceita morrer à mão do desamor humano para mostrar até onde vai o amor de Deus pela humanidade; e, enfim, o “acto” (*“studium”*) é associado à acção santificadora do Espírito que consuma a relação entre a humanidade e a divindade.

É neste horizonte que, não menos por este referido amor humano expresso genitalmente – a que os consagrados prescindem não por desprezo, mas por estarem chamados a uma outras formas de amor –, toda a Criação poderá ser, não sem enormes desafios, reencaminhada para Deus (cf. *“Liber divinorum operum”*, 10, 37). E se o amor humano, enquanto expressão de um acolhimento retribuinte do amor divino, logra isso, é porque ele é a expressão mais palpável da transparência de uma realidade a que Hildegarda dá um nome extremamente *“sui generis”*. A saber: *“viriditas”*.

“Viriditas” é um termo latino que, opondo-se a *“ariditas”* – que dá a palavra portuguesa *“aridez”*, e, assim, podendo ser traduzido por *“viridez”* – literalmente pretende designar a “qualidade do que é verde”, isto é, aquilo que possui e pode comunicar vida e fecundidade. Nos escritos de Hildegarda de Bingen, este termo traduz aquilo que nós, cristãos, dizemos no “Credo” quando nos reportamos ao Espírito Santo, referindo que Ele é *«Senhor que dá a vida»*. Certamente que sobretudo a espiritual, mas também as mais básicas, recordando-nos que, segundo Hildegarda, tudo o que vive e se move, vive e move-se graças ao Espírito Santo que permite a comunhão de existência com Deus. Ou seja, que tudo o que existe, mas sobretudo o ser humano, é, por um dom divino, uma capacidade de vida; uma capacidade de se abrir ao Espírito Santo que é o dom por excelência de Jesus Cristo ressuscitado.

Se pelo divino “dedo” falante – um Jesus que, sendo a Palavra criadora e sustentadora do Cosmos, desenha e sustém tudo o que existe –, Deus cria e preserva o Cosmos, pelo divino Espírito soprante, Deus fecunda de vida todas as criaturas, que só criando resistências à sua natureza mais autêntica não entram no fluxo do desígnio de amor divino. O Espírito que comunica a *“viridez”* é, assim e para

Hildegarda de Bingen, o meio vital que permite que tudo possua uma energia interna para subir para o fim de toda a Criação: a comunhão plena com o Criador.

Leiamos, neste justo contexto, um poema de Hildegarda:

*«Ó nobilíssima viridez
com as tuas raízes no sol,
reluzindo na serenidade branca
num rodopio
que nenhuma terrena
eminência compreende –
estás abraçada
nos abraços da divina
solicitude.
Tu brilhas como a madrugada,
tu queimas como a chama
do sol» (“Sinfonia da Harmonia das Revelações Celestes”, 56)*

Como vemos claramente, esta mensagem de Hildegarda de Bingen não é ecologia. Só a “New Age” – essa religião sem religião, filosofia sem filosofia, psicologia sem psicologia e teologia sem teologia – diz que o é. Mas apenas porquanto retira, do discurso de Hildegarda e para os seus próprios fins sincréticos, todas as referências a Deus como Deus, traindo, por conseguinte, completamente o mesmo. É, com uma linguagem simultaneamente misteriosa e fascinante – que os seus contemporâneos entendiam bem melhor do que nós –, teologia e espiritualidade.

Terminemos com as palavras do próprio Papa Bento XVI sintetizando os motivos de ter desejado proclamar Hildegarda de Bingen como “Doutora da Igreja” e que se tentou deixar espelhado ao longo destas breves palavras a ela dedicadas:

«O ensinamento da santa monja beneditina [...] é extraordinariamente actual no mundo contemporâneo, de modo especial sensível ao conjunto dos valores propostos e vividos por ela. Pensamos, por exemplo, na capacidade carismática e especulativa de Hildegarda, que se apresenta como um incentivo vivaç à pesquisa teológica; na sua reflexão sobre o mistério de Cristo, considerado na sua beleza; no diálogo da Igreja e da teologia com a cultura, a ciência e a arte contemporânea; no ideal de vida consagrada, como possibilidade de realização humana, na valorização da liturgia, como celebração da vida; na ideia de reforma da Igreja, não como estéril mudança das estruturas, mas como conversão do coração; na sua sensibilidade pela natureza, cujas leis devem ser tuteladas e não violadas.

Por isso a atribuição do título de Doutor da Igreja universal a Hildegarda de Bingen tem um grande significado para o mundo de hoje e uma extraordinária importância para as mulheres. Em Hildegarda resultam expressos os valores mais nobres da feminilidade: por isso também a presença da mulher na Igreja e na sociedade é iluminada pela sua figura, tanto na óptica da pesquisa científica como na da acção pastoral. A sua capacidade de falar a quantos estão distantes da fé e da Igreja fazem de Hildegarda uma testemunha credível da nova evangelização».